Gênesis 23 e o Povo da Terra

Hoje, a palavra "povo" está na boca de muita gente. Talvez, menos na boca das pessoas empobrecidas e mais na boca de certos grupos sociais. É uma palavra com sentido muito complexo. Por isso, é usada e abusada.

Este fenômeno não é de hoje. Vem de muito longe. Esta é uma das dificuldades para entender, muitas vezes, certos textos bíblicos.

Diante da complexidade da palavra "povo", que os próprios textos bíblicos levantam, percebi a necessidade de pesquisar a respeito dela, no Antigo Testamento.

PARA ENTENDER

As palavras hebraicas usadas para referir-se a "povo" são *'am* e *goi*. Entre as duas, a mais usada é *'am*. Seu uso é três vezes mais freqüente do que o uso de *goi*.

A palavra *'am* tem, no hebraico, provavelmente o significado de "tio paterno" e de "familiares". Daí se desenvolve o significado de "povo". De qualquer forma, em *'am* se destaca o parentesco dos membros do povo.

A tradução habitual da palavra *'am* por "povo" não é totalmente obrigatória e só se pode dar este sentido ao termo, se levamos em conta o que entendemos por povo.

Considerando que *'am* é "povo" num sentido todo especial, isto é, familiar, convém verificar no concreto o significado "parentesco", a base das afirmações do Antigo Testamento:

a) Existe a expressão: "reunir-se com os *'amim*". Diz-se que Abraão expirou, morreu, que se reuniu com os *'amim* e foi enterrado (Gn 25,8-9). A mesma expressão temos na morte de Ismael (25,17), Isaac (35,29), Jacó (49,29.33), Arão (Nm 20,24; Dt 32,50) e Moisés (Nm 27,13; 31,2; Dt 32,50). Os *'amim*, aqui, são os parentes com quem o defunto se reúne. É clara a vinculação com os antepassados.

b) Outra expressão refere-se ao "ser afastado de seus *'amim*/parentes" (Gn 17,14; Ex 30,33.38; 31,14; Lv 7,20.21.25.27; 17,9; 19,8; 23,29; Nm 9,13). Estes delitos que permitem afastar a pessoa do círculo dos seus *'amim*/parentes são de caráter religioso e jurídico-sacral. A violação de normas, costumes e ritos compromete o círculo familiar, a família como comunidade religiosa e cultual.

c) O singular *'am* também tem o significado "parentela" em 2Rs 4,13: "vivo entre meus parentes". Encontramos o termo em Ez 18,18 e Lv 19,16 com sentido de parentesco.

Portanto, o significado de *'am* como parentesco é importante. Mas suspeita-se que o fato de aparecer com este caráter de parentesco tão acentuado nos escritos do pós-exílio poderia indicar que, na época pós-exílica, a comunidade familiar recebeu muita importância.

TEM DIFERENÇA

A palavra *goi* refere-se a tribo, estirpe, povo, grupo. Além de ser uma palavra muito usada no plural, praticamente não é usada com sufixos, enquanto que *'am* carrega com muita freqüência sufixos pessoais.

Tentativamente pode-se caracterizar a diferença entre *goi* e *'am* da seguinte maneira: *'am* procede das relações de parentesco e de pertença comum a um mesmo grupo e não está totalmente condicionada pelas circunstâncias externas; em *goi*, embora também se refira a um certo grupo natural, as relações grupais não parecem decisivas, precisamente porque também interferem outros fatores territoriais e especialmente político-estatais. Portanto, as traduções de *'am* por "povo" e *goi* por "nações", "estado", "população" de certo modo são adequadas, sem ser de todo satisfatórias. Só se pode considerá-las adequadas a partir do contexto.

O POVO DA TERRA (*'am ha'arez*)

A tradução "povo do país" para *'am ha'arez* parece soar como expressão técnica, entendida como a minoria dos homens de um território estável atuando na política, ou um pouco mais geral, como os grupos sociais dominantes usufruindo de todos os direitos civis.

No entanto, as pesquisas nos alertam para a cautela que se deve ter no uso desta tradução. Assim, em Gn 42,6 e Nm 14,9 se refere à população total de uma região, o mesmo ocorrendo em Ex 5,5, que provalvelmente deve ser relacionado com Ex 1,7.9-10.

No texto que desenvolverei neste artigo, Abraão trata com o povo da terra em Hebron. Neste contexto, o povo da terra significa, como veremos, os proprietários com plenos direitos (Gn 23,7.12.13).

Em 2Rs 11,14-15 a expressão se refere a todos os cidadãos judaítas e poderia referir-se aos grupos dirigentes do povo do país fora de Jerusalém. E em 2Rs 24,14; 25,3.12 temos que pensar, sem dúvida, em toda a população.

Em Ezequiel, a expressão "povo da terra" é muito complexa. Ele fala do "povo da terra" como povo do país junto ao rei (7,27). Refere-se concretamente às pessoas que fazem parte dos grupos dominantes em 12,19; 22,29. Mas em 39,13 refere-se a todo o povo e não só a um grupo social dominante. Neste mesmo sentido ele fala em 45,22 e 46,3.9, conforme o contexto; trata de toda a comunidade apta para o culto que está na terra da Palestina. Aqui o antigo termo técnico-político

"povo da terra" não significa somente os grupos dominantes proprietários e cidadãos, mas refere-se também ao conjunto da comunidade judaíta.

Em Ag 2,4 e Zc 7,5, o "povo da terra" refere-se à população judaíta interiorana dos primeiros anos do pós-exílio. Portanto, percebe-se uma mudança em relação ao sentido técnico usado no pré-exílio.

O sentido específico de "povo da terra" pressupõe uma certa autonomia política de pessoas dentro do Estado judaíta ou, pelo menos, uma possibilidade de atuação política. Este dado pareçe importante para entender a mudança de significado no período pós-exílico. É exatamente no pós-exílio que se pode chamar "povo da terra" a grupos não judaítas, diferentes dos grupos que voltaram do exílio e da comunidade religiosa judaíta, em geral.

Encontramos esta denominação em Esd 4,4, referindo-se às pessoas de Samaria. Também se usa a expressão no plural, para definir as várias populações não judaítas. Os que em Dt 7 são chamados de *goim*, aqui em Esd 3,3; 9,1.2; 10,2.11; Ne 9,30; 10,29 podem ser os *'amim*. As comunidades religiosas judaítas se comprometem a cumprir a lei de Deus, portanto fica claro que no pós-exílio a população estrangeira não é aceita na nova comunidade religiosa dos judaítas. Aqui se pode perceber com clareza como se passa a transpor "povo da terra" para a população estrangeira, a que mais tarde é conhecida como a que não cumpre e não pratica a lei.

Para concluir esta reflexão, afirmamos que é indiscutível que muitas vezes *'am* não se refere à totalidade de um povo, mas só a uma parte dele. O significado concreto destes casos é clareado pelo contexto. Por isso, não se recomenda supor um significado especial da palavra *'am*, no sentido de tropa do exército. No entanto, se poderia manter o uso no sentido de exército, entendido a partir da situação de um grupo armado, ligado por vínculos de parentesco.

A RESISTÊNCIA ESTRANGEIRA

Agora, passo a enfocar este conceito de "povo da terra", de *'am ha'arez*, em um texto específico, justamente para poder testar, em um caso, o sentido mais preciso da expressão em questão.

Começo fazendo tradução bastante literal do texto para garantir uma maior fidelidade a ele. Vejamos esta tradução de Gênesis 23,1-20.

1 E foram as vidas de Sara cento e vinte e sete anos.
Anos das vidas de Sara.

2 E morreu Sara em Quiriat Arba que (é) Hebron, na terra de Canaã. E veio Abraão lamentar para Sara e chorá-la.

3 E levantou-se Abraão de diante de seu morto e falou para os filhos de Het dizendo:

4 *"Estrangeiro e habitante eu sou em companhia de vós.*
Dai para mim a possessão de sepultura em companhia de vós e sepultarei meu morto de diante de mim".

5 E responderam os filhos de Het a Abraão dizendo-lhe:

6 *"Escuta-nos, meu senhor, príncipe de Eloim! Tu, no meio de nós no melhor de nossas sepulturas sepulta teu morto. Ninguém de nós te recusará sua sepultura para sepultar teu morto".*

7 E levantou-se Abraão e inclinou-se para **o povo da terra,** para os filhos de Het

8 e falou com eles dizendo: *"Se existe vontade vossa para sepultar o meu morto de diante de mim, escutai-me e intercedei por mim junto a Efron, o filho de Zohar,*

9 *e ele dará para mim a caverna da Macpela que é dele, a qual (está) no final do seu campo, pelo valor real e dará ela para mim, no vosso meio, para a possessão de sepultura".*

10 Efron estava sentado entre os filhos de Het. E Efron, o heteu, respondeu a Abraão aos ouvidos dos filhos de Het, para todos os que entravam no portão da sua cidade, dizendo:

11 *"Não, meu senhor, escuta-me! O campo dou para ti e a caverna que (está) nele para ti a dou, diante dos olhos dos filhos de meu povo a dou para ti. Sepulta teu morto".*

12 E inclinou-se Abraão diante do povo da terra

13 e falou a Efron aos ouvidos do povo da terra dizendo: *"Agora, se tu queres, escuta-me! Darei o valor do campo. Toma de mim e sepultarei meu morto, ali".*

14 E respondeu Efron a Abraão dizendo-lhe:

15 *"Meu senhor, escuta-me, uma terra de quatrocentos siclos de prata entre mim e ti, que é isso? Sepulta teu morto!"*

16 E ouviu Abraão a Efron e pesou Abraão para Efron a prata que mencionara aos ouvidos dos filhos de Het: quatrocentos siclos de prata corrente entre mercadores.

17 E (assim) o campo de Efron, que (está) na Macpela que (se situa) em frente a Mamré, aquele campo e a caverna que (está) nele e todas as árvores que (estão) no campo em toda sua área ao redor

18 passaram a ser propriedade de Abraão aos olhos dos filhos de Het, junto de todos os que entram no portão de sua cidade.

19 E depois disto Abraão sepultou Sara, sua mulher, na caverna do campo da Macpela, em frente de Mamré que (é) Hebron na terra de Canaã.

20 E repassou o campo e a caverna que nele (está) para Abraão para a possessão de sepultura, com o auxílio dos filhos de Het.

Neste capítulo, é mencionado o "povo da terra". Quem são as pessoas assim designadas?

Para responder a esta questão, será preciso enfocar primeiramente nosso capítulo em seus diversos aspectos e em seus detalhes, para depois poder voltar à questão que, mais precisamente, nos preocupa: o *'am ha'arez*.

UMA SURPRESA

Este capítulo 23 é igual a uma caixinha de surpresas. Tem muita novidade dentro dele. Eu mesma me surprendi, quando comecei a ler e reler o texto.

É uma unidade muito bem elaborada. Há bastante coesão. Tem características próprias. É um capítulo autônomo em relação ao anterior e posterior. O final do cap. 22 (v. 20-24) destaca a descendência de Rebeca da linhagem de Nacor,

irmão de Abraão. O tema do cap. 24 está no casamento de Rebeca com Isaac, filho de Sara e Abraão.

Encontramos neste cap. 23 um relato de forma narrativa e dialogal sobre um processo contratual. À primeira vista, o texto parece tratar da luta de Abraão em busca de um lugar para enterrar Sara, mas a problemática é bem mais profunda. É o conflito com o estrangeiro e a estrangeira.

O texto abre falando, nos v. 1-2, da vida e morte de Sara. A unidade conclui nos v. 19-20, afirmando que Abraão enterrou Sara e conseguiu a possessão de sepultura.

Os v. 3-18 apresentam todo um procedimento jurídico para um estrangeiro tornar-se proprietário de terra. Este processo divide-se em três etapas. Na primeira (v. 3-6), é encaminhado o pedido de possessão de sepultura junto à comunidade. Na segunda (v. 7-11), a negociação é desenvolvida no espaço público e oficial, isto é, no portão da cidade onde é oferecido o campo e a caverna. Na terceira etapa (12-18), ocorre publicamente a compra da posse reivindicada.

COMO SURGE

Existem diversas discussões em torno da origem do texto. Basicamente podemos resumi-las em duas correntes.

A primeira defende a antigüidade do texto, sustentando que Gn 23 tem sua origem nas práticas legais da época hitita com semelhanças com o código legal hitita.

A outra procura localizar o texto bem mais próximo dos séculos sétimo a quinto aC, fazendo referências a paralelos nos documentos neobabilônicos. Afirma-se que são inconfundíveis os pontos de contato com os documentos dialogais neobabilônicos.

Diante destas duas correntes optei pela última, porque parece que o próprio texto nos dá mais alguns elementos que confirmam sua origem no pós-exílio. Encontramos nele palavras que são características desta época, como "possessão". Ela aparece 3 vezes (v. 4.9.20) e também se fala no "preço" da terra (v. 9) em linguagem pós-exílica. Encontramos semelhanças em 1Cr 21,22.24. Não estaríamos no período persa? Possivelmente.

O estilo das negociações que aparecem no texto segue mais de perto os costumes e tradições orientais. Aí a oferta é diferente do preço da compra. A compra sempre é um evento social. É típico dos costumes orientais.

O texto também revela uma convivência bem aberta entre os diversos grupos sociais. Estão presentes ali na aldeia os filhos de Het, os filhos do meu povo, o povo da terra, os que entram do portão, o grupo de Abraão (= estrangeiros) e Efron. Esta também é uma característica do pós-exílio.

ONDE NASCE ESTA CONVERSA

Provavelmente, o lugar onde se contava e recontava esta história de Sara era nos velórios. O velório torna-se um lugar social gerador de cultura. Era ali que as pessoas contavam as histórias de antigamente, para explicar a realidade presente. Além disso o texto tem uma forte característica do estilo sapiencial.

A Bíblia tem, aqui e em outras tantas partes, um jeito muito popular de falar dos problemas da vida.

QUEM É QUE ESTÁ FALANDO

Penso que esta é a memória do povo da roça, isto é, das aldeias judaítas. São os estrangeiros e estrangeiras, que moram ali naquelas aldeias, que estão contando. Este povo é descendente dos pobres que não foram levados para o exílio, porque eram miseráveis, não tinham nada. Eram magros e magras e até cambaleavam de tanta fraqueza. Na língua hebraica este tipo de gente é chamada de *dalim*. O *dal* é o socialmente empobrecido. Para o império babilônico não interessava essa gente. Por isso nem a levaram para o exílio. Podemos constatar isto nos textos de Jr 39,9-10; 2Rs 24,14; 25,11-12.

Conforme Jr 39,10 foi feita uma re-distribuição das vinhas e dos campos entre os que ficaram na terra de Judá. Judá viveu, desde o exílio até Esdras (450 aC), um forte período de re-tribalização.

QUAL É O PROBLEMA?

Ao analisar esta unidade percebe-se que ela aponta para um conflito de possessão de terra. Quem criou o texto, usou histórias antigas, do século 11 e 12, para falar dos problemas que estavam na ordem do dia na época pós-exílica, em torno de 500 a 450 aC.

A problemática que envolvia esta época era o efeito da volta dos exilados da Babilônia. Com a volta deles explodiram muitos conflitos, especialmente em torno da terra e a expulsão das mulheres estrangeiras. A situação complicou-se mais para os estrangeiros e estrangeiras que tinham participado da re-distribuição das vinhas e dos campos. Entendo que o texto está trabalhando esta questão. Creio que podemos afirmar, com bastante segurança, que a possessão permanente de campo, caverna, árvore e divisa (v. 17) é uma necessidade maior dos estrangeiros pós-exílicos do que para o seminômade do século 11 e 12.

TEM RESISTÊNCIA

O texto parece refletir um momento de tensão. O fato de o texto não falar em nenhum momento de rei ou de sacerdote não poderia significar um protesto?

Efron, que é proprietário e autoridade com o poder de decisão, é apresentado com características de autoridade clânica (v. 9-11). É um poder serviço. Está sentado no meio dos filhos de Het (v. 10). Decide em favor das tribos estrangeiras. Possibilita que a mulher estrangeira seja enterrada na terra de Canaã.

Os lugares de Jerusalém e Judá não são lembrados em nenhum momento no texto, mas Hebron é citada duas vezes, e também a terra de Canaã (v. 2.19). Sabemos que Hebron é a capital das tribos. Este local é a expressão política da convivência das tribos. É ali que aconteciam os acordos entre a Sefelá e o deserto, entre os agricultores e pastores. Jerusalém era o lugar do acordo dos "grandes".

A memória destas histórias tribais certamente é transmitida pelas famílias das aldeias. É ali que subsiste a memória clânica.

Podemos afirmar que é memória dos camponeses e camponesas do sul, de Judá. O "limite" lembrado duas vezes pelo texto (v. 9.17) expressa a visão sulista. Aí, no sul, se tinha um reino com limites mais determinados, definidos. Isto não era prática do norte.

A outra indicação de resistência é o silêncio em relação ao templo. Não se fala do templo, mas menciona-se Mamré (v. 17.19). Mamré é o lugar onde se cultua a memória dos antepassados (Gn 13,18). É o lugar de culto dos clãs.

Os clãs conservam a memória de Abraão como príncipe de Eloim (v. 6). A árvore em frente a Mamré nos recorda o cap. 18, onde a árvore é o lugar religioso; é o lugar das memórias abraâmicas.

Quem é que pode estar por trás desta crítica ao monarquismo de Jerusalém, ao templo? Só podem ser os "pobres", "magros" que viveram uma experiência sem rei, sem templo e sem sacerdote. Mas viveram a grande experiência de solidariedade. Construíram uma experiência ecumênica e universalista.

Nos nossos dias encontramos nas ocupações de terra, entre os meninos e meninas de rua, os moradores da rua, as mulheres marginalizadas grandes experiências ecumênicas e solidárias. Eles e elas são os *dalim* de hoje que experienciam uma diversidade cultural muito grande.

A RESISTÊNCIA DAS MULHERES

Foram 127 os anos das vidas de Sara. Morreu em Quiriat Arba e foi enterrada na caverna do campo de Macpela, em Mamré, Hebron, terra de Canaã (v. 1-2.19). O texto traz à memória uma tradição antiga que explica também algo da atualidade de então. O texto revela um profundo respeito pelo corpo da mulher, porque é ele que, a rigor, fertiliza a terra. É ele que faz a terra produzir vida. A terra é mãe. O corpo de Sara é a força para resgatar a vida e a dignidade dos clãs. A dignidade só existe com a possessão de sepultura, isto é, com a possessão de terra (v. 15.17). A posse de terra garante a cidadania e a memória dos antepassados.

Nosso capítulo se desenvolve dentro de uma moldura. O texto abre falando da morte de Sara (v. 2). A perícope fecha com o enterro de Sara e apresenta a conclusão do miolo do problema que o texto está discutindo, que é a possessão de sepultura para os clãs estrangeiros (v. 19-20).

O texto também está criticando a lei de Esdras contra as mulheres estrangeiras. Enquanto Esdras organiza os retornados do exílio para expulsar as mulheres estrangeiras com seus filhos (Esd 10,2-5.44), os habitantes das aldeias oferecem as melhores de suas sepulturas para enterrar a mulher estrangeira (v. 6). A autoridade clânica e o povo da terra também reconhecem o direito da mulher estrangeira (v. 11.15) e possibilitam a continuidade da resistência clânica.

Esta unidade nos mostra claramente que a mulher tem um papel importante no clã estrangeiro. Mesmo que a nova proposta social dos exilados queira apagar a memória de luta da mulher estrangeira, através da expulsão dela, o clã está resistindo para garantir esta memória.

Certamente, as mulheres que permaneceram na terra de Judá durante o exílio e pós-exílio desempenharam um papel social importante. Não é por acaso que o primeiro grupo social que Esdras vai atacar, quando retorna do exílio, são

as mulheres estrangeiras e seus filhos. Por quê? Porque são a resistência contra os projetos de exclusão e de morte. Neste caminho, temos Rute, Agar e muitas outras conhecidas e desconhecidas.

ESTRANGEIRO E MORADOR

Nos v. 3-6, Abraão inicia um processo de integração nas aldeias. O processo se desencadeia a partir de uma realidade sensível e profunda que é a morte. A morte dos estrangeiros e das estrangeiras das suas comunidades. Parece que as famílias estrangeiras estão enfrentando problemas dentro das comunidades também. É diante desta realidade que Abraão se levanta e fala para a comunidade. Quem vive ali são os filhos de Het. Eles são os antigos habitantes da aldeia.

Abraão começa a conversa apresentando sua identidade. Ele faz o pedido de possessão de sepultura, em companhia deles, ali onde está habitando na aldeia. Recorda que é estrangeiro de nacionalidade, mas é habitante junto deles (v. 4). É morador.

A SOLIDARIEDADE

A comunidade reconhece a problemática e parece não ter dúvida disto. Por isso, o texto vai revelando uma insistente solidariedade da comunidade com as necessidades das famílias estrangeiras que sempre habitaram junto deles. Transparece um respeito profundo dos filhos de Het quando se dirigem a Abraão. Eles o chamam de "meu senhor", que é a mesma palavra hebraica *'adon*, que quer dizer "dono", "proprietário". Parece que nas tribos há um sentimento geral de reconhecimento pela cidadania do estrangeiro e da estrangeira. Em todos os diálogos (v. 6.11.15), Abraão é chamado de "meu senhor".

Também o chamam de "príncipe" ou "líder" ou "chefe" (*nasi'*). Entendemos com isto que os estrangeiros e as estrangeiras são reconhecidos como clãs, nas aldeias. Além de reconhecer em Abraão o chefe de um clã, reconhecem também a sua relação com a divindade; ele é "líder de Eloim" (v. 6). Há um respeito pela sua religião.

Creio que podemos afirmar que há um interesse das aldeias na afirmação do tribalismo, dos clãs, da solidariedade. Este reconhecimento está na boca da comunidade (v. 5-6), na boca da liderança clânica (v. 11.15).

O que caracteriza a primeira etapa da negociação, é a solidariedade da comunidade para com a estrangeira e o estrangeiro. É oferecido o melhor das sepulturas no meio deles para enterrar seu morto (v. 6). Há uma profunda experiência ecumênica. O direito do outro e da outra é reconhecido e respeitado.

EM BUSCA DA CIDADANIA

Na segunda etapa da negociação entram vários grupos sociais em cena. Além dos filhos de Het, aparece o povo da terra, Efron, os filhos de meu povo e os que entram no portão (v. 7-11). O cenário, neste segundo momento, é de uma negociação pública, que se dá no portão da cidade.

A negociação tem um caráter mais jurídico. Parece existir um conselho composto por representantes de grupos sociais diferentes. Temos representantes da comunidade, que são os filhos de Het. Temos o povo da terra.

O próprio texto nos indica várias características do povo da terra. O v. 9 está nos indicando que o povo da terra está morando ali nas aldeias. É no meio deles que Abraão está reivindicando sua possessão de sepultura. É um grupo diferente mas vive na aldeia.

O povo da terra também é uma entidade política. O fato de Abraão pedir a ele e aos filhos de Het para que intercedam junto a Efron por ele mostra que é um grupo reconhecido e com influência. Certamente faz parte do conselho da aldeia. São autoridade na aldeia.

As pesquisas caracterizam este grupo, o povo da terra, como proprietários em plenitude de direitos. Efron, conforme os v. 9-10, pertence a este grupo. Ele é proprietário e é também autoridade política. Há muita proximidade entre o povo da terra e Efron (v. 9.12-13).

A maneira de Efron exercer a autoridade (v. 10-11) é tipicamente tribal. Está sentado entre os filhos de Het. E as causas populares são decididas no portão da cidade. Este é o espaço público.

Abraão desafia o povo da terra para uma postura política. Diz ao povo da terra e aos filhos de Het: "Se existe vossa vontade para enterrar o meu morto, escutai-me e intercedei por mim junto a Efron" (v. 8).

O pedido anterior apenas solicitava possessão de sepultura em companhia da comunidade (v. 4). Agora, o pedido é ampliado e com detalhes. Abraão pede a caverna de Macpela para a autoridade clânica, Efron. Localiza a caverna de Macpela no campo de Efron. Propõe comprar pelo valor real. O local de possessão de sepultura fica no meio do povo da terra e dos filhos de Het (v. 9). O elemento novo, além da escolha do lugar da caverna, é o pagamento pela caverna.

A resposta da autoridade clânica é dada diante da comunidade de Het e dos que entram no portão da cidade. A decisão é de doação não só da caverna mas também do campo. Este acordo é feito diante "dos olhos dos filhos de meu povo" (v. 11).

O conceito "meu povo", em Miquéias, expressa a experiência de solidariedade tribal e clânica dos pobres das aldeias. Creio que o próprio texto quer dar este sentido.

Mas o próprio texto também revela uma crise. O estrangeiro sabe que a doação já não garante mais a possessão. O contexto social exige prata para garantir o direito de posse.

HÁ CRISE

É interessante perceber como o texto vai revelando o conflito social que os habitantes das aldeias estão enfrentando. O conflito mostra que há diferenças sociais na aldeia. Há gente que é proprietária com plenos direitos – o povo da terra – e há gente que não tem nem lugar para enterrar seus mortos – o grupo de Abraão. Aqui percebe-se que dentro do próprio tribalismo há desigualdades sociais. Assim, entendemos que o projeto tribal está em crise.

A lógica da proposta social do povo da terra é diferente da lógica do projeto tribal. No projeto tribal o direito de posse da terra vem pela doação, pela herança tribal. A doação é feita pelo chefe do clã "diante dos olhos dos filhos de meu povo". A comunidade e os que entram no portão da cidade (v. 10-11) são testemunhas. A terra é repartida conforme a necessidade. Nesta lógica há lugar para o estrangeiro e a estrangeira. Esta parece ser a grande utopia que está sustentando a luta de resistência das estrangeiras e estrangeiros, neste período pós-exílico.

No projeto do povo da terra a possessão tem outra lógica. A prata é que garante a posse. O pagamento é feito em moeda e com moeda corrente entre os mercadores (v. 12-15). Aqui podemos perceber que estamos numa sociedade onde a terra já não cumpre mais a sua função social, mas significa poder. Aí, possivelmente, temos a conseqüência da influência dos cidadãos proprietários e da dominação persa, na região. O próprio grupo de Abraão se obriga a entrar nesta lógica para resgatar seus direitos. É o protesto dos estrangeiros e estrangeiras contra a mudança econômica que está acontecendo. A resistência é garantir a possessão. É isto que a terceira etapa do diálogo contratual (v. 12-18) revela.

A TERRA TEM PREÇO

Aqui, a negociação é feita diante dos ouvidos do povo da terra (v. 12-13). No bloco anterior, a proposta de acordo era feita diante dos ouvidos dos filhos de Het e dos que entram no portão da cidade (v. 10). Abraão pedia a intercessão do povo da terra e dos filhos de Het para a negociação. Este é o jeito e a lógica tribal.

Neste terceiro bloco, a atuação de Efron está mais dentro da lógica do povo da terra. Com ele, Abraão insiste de modo especial para conseguir seus direitos. "Se tu queres, escuta-me! Darei a prata pelo campo, toma de mim e sepultarei meu morto" (v. 13).

O que caracteriza este bloco é o preço do campo. O campo não é doado, mas é comprado. O preço da terra é 400 siclos de prata. A terra tem preço. É objeto de negócio. Abraão está pagando 400 siclos de prata pela terra, não pela caverna.

O próprio texto indica que a caverna não era o problema básico. No v. 6c isto é resolvido com a solidariedade. O problema é a possessão. O texto vem carregando, o tempo todo, sua discussão em torno da possessão (v. 4.9.20). Abre esta discussão no início do processo, quando Abraão dirige sua palavra aos filhos de Het, e fecha a unidade (v. 20), quando é confirmada a possessão de sepultura com o auxílio dos filhos de Het.

Podemos entender que as tribos já não conseguem mais atender as necessidades dos clãs estrangeiros, mesmo querendo. A época exige novas formas de luta dos estrangeiros, porque a lógica dominante não é mais tribal. É a lógica do comércio.

Isso me faz lembrar a luta dos povos indígenas que lutam pela demarcação de suas áreas. É preciso demarcar a área para garantir a posse da terra. Esta nunca foi a lógica da economia indígena. É a lógica da economia dominante. Mas a maneira de as nações indígenas garantirem seus direitos é lutar pela demarcação de suas áreas. A resistência nasce da comunidade e na solidariedade entre as aldeias.

A CIDADANIA ESTÁ DE PÉ

Neste último, aparece mais outro aspecto interessante. A compra da terra por parte de Abraão é feita diante do povo da terra (v. 12-13). O pagamento é feito diante dos ouvidos da comunidade de Het. Detalhadamente é descrito o objeto de compra. Trata-se de uma espécie de contrato garantido pela palavra pública. A possessão é confirmada juridicamente pelos olhos da comunidade de Het e dos que entram no portão (v. 16-18). A esperança do estrangeiro e da estrangeira está na proposta tribal.

No v. 17, o autor começa a amarrar o texto. Abraão, nos v. 3 e 9, levantou-se para reivindicar uma possessão de sepultura. No v. 17 é o campo que ele "levanta", isto é, adquire. Assim é a cidadania da tribo estrangeira que agora está de pé. Agora tem vida, porque tem campo, caverna, árvore e limite. Aqui parece que o autor juntou os elementos fundamentais da vida de um camponês: a terra, a posse definitiva, os frutos que a terra oferece, o limite da propriedade, o direito de cultuar as tradições dos antepassados e viver a experiência tribal.

O v. 18 está amarrando os v. 9-10. Confirma a compra do campo. A compra foi feita perante as testemunhas públicas, isto é, junto de todos os que entram no portão da cidade e dos filhos de Het.

O v. 19 retoma o v. 2. No v. 2 Sara morreu em Hebron, terra de Canaã, e Abraão veio chorá-la. No v. 19 Abraão enterra sua mulher Sara no direito adquirido, que é a caverna do campo da Macpela que fica em frente a Mamré, que é Hebron, na terra de Canaã. Aqui a tradição popular antiga é completada. Sara é a que vai garantir a vida do campo e a memória cultual dos antepassados. Amarra a tradição familiar e cultual do tribalismo.

O v. 20 faz a síntese da unidade. A dignidade do clã estrangeiro está de pé. Com a solidariedade dos filhos de Het, Abraão conseguiu cidadania e vida, campo e caverna com possessão de sepultura.

TEOLOGIA DO CORPO

Este texto nos dá elementos para uma teologia do corpo. É interessante perceber a importância do corpo.

Em primeiro lugar está o corpo do defunto. Este corpo é motivo para Abraão (v. 2b) expressar seus sentimentos humanos de carinho, dor, lamento, choro e justiça. Entre os filhos de Het (v. 6), ele desperta solidariedade. Diante do povo da terra Abraão apela para a justiça. "Se existe vontade vossa... intercedei por mim" (v. 8). Diante de Efron exige uma decisão política em favor dos que não têm poder (v. 13), dos fracos.

Dentro do texto, o ouvido tem uma importância significativa. O verbo escutar aparece 5 vezes (v. 6.8.11.13.15) e sempre é usado no imperativo. Falar nos ouvidos do povo aparece em três momentos (v. 10.13.16). É a partir dos ouvidos que o clamor do estrangeiro é escutado e a justiça é feita.

Os olhos também ocupam um lugar de destaque. É a partir dos olhos (v. 11.18) que o direito do estrangeiro é garantido. Os olhos tornam-se testemunhas documentais.

A profecia do texto sempre aparece na boca de Abraão. Abraão, quando dirige sua palavra, é *dabar* acontecendo. É a palavra tornando-se ação, vida, acontecimento (v. 3.8.13.16).

E para concluir podemos lembrar a importância do corpo de Abraão para dirigir sua palavra de exigência, clamor e súplica. Levantou-se, inclinou-se, falou *dabar* (v. 3.7.12).

CONCLUSÃO

Olhando para os grupos sociais presentes neste texto de Gn 23, podemos afirmar que o povo da terra está muito identificado com as características pós-exílicas. Ele compõe um grupo social que convive na aldeia com outros grupos sociais como os filhos de Het, os clãs estrangeiros e os filhos de meu povo.

O fato de todos os grupos conviverem na aldeia indica que não existe um estado organizado e estável.

Também constatamos que, embora exista desigualdade social na aldeia – isto é, uns têm sepultura, outros não têm (v. 6), uns são proprietários, outros não têm terra – há resistência por parte dos excluídos, solidariedade e possibilidade de negociação com os outros grupos que ali convivem.

Os filhos de Het, antigos habitantes, também têm liderança na aldeia. Eles são convocados pelo clã estrangeiro, para interceder por ele junto à autoridade jurídica da aldeia, na defesa de seus direitos.

Há uma nova cultura econômica emergindo. Parece ser a cultura da moeda. A cultura do comércio. Para garantir os direitos, precisa-se resistir e negociar com a moeda dos mercadores (v. 16).

BIBLIOGRAFIA

RAD, Gerhard von. *El libro del Génesis*. In: Biblioteca de Estudios Bíblicos. Ediciones Sígueme, Salamanca, ^{3}1988, p. 302-308.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel*. In: Mosaicos da Bíblia, v. 7. Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo, 1992.

SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

WESTERMANN, Claus. *Genesis 12-36. A commentary*. Augsburg Publishing House, 1985, p. 369-376.

WESTERMANN, Claus e JENNI, Ernst. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, v. 2. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1985, p. 373-413.

Mercedes Brancher
Rua Moreira e Costa 495
04266-010 São Paulo – SP